Defesa vegetal

SORTE PARA O AZAR

Coriolano Xavier*

O BRASIL tem um sistema de vigilância sanitária composto por 110 pontos de controle, com mais da metade deles localizados no Sul-Sudeste – uma distribuição que lembra mais nossa geografia agrícola das décadas de 1970/1990 do que o mapa produtivo atual, cujo motor principal está no Centro-Oeste, com 60% da produção nacional de grãos.

Esse quadro foi objeto de estudo da Embrapa Gestão Territorial, no qual, a partir de dados da Andef (Associação Nacional de Defesa Vegetal), Embrapa e MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), informam-se a existência de mais de 600 pragas quarentenárias e inúmeras rotas potenciais para seu acesso ao nosso território. São espécies que ainda não estão no País ou ocorrem em regiões delimitadas, com potencial para causar estragos em nossa agricultura.

Parte dessas vias de entrada conta com estrutura de vigilância sanitária limitada. Regiões como a divisa do Mato Grosso com a Bolívia, a divisa do Mato Grosso do Sul com Bolívia-Paraguai, o centro-sul do Pará e o oeste da Bahia, por exemplo. Esta última região, aliás, não tem nenhum posto de controle e foi a porta de entrada da Helicoverpa armigera, que provocou prejuízos da ordem de US$ 4 bilhões na safra 2012/13.

Hoje, são apontadas dez pragas quarentenárias que oferecem grande risco para a soja, o milho, o trigo, o algodão, o cacau, o arroz e o feijão, por estarem em países vizinhos ou com os quais mantemos relações comerciais. Na verdade, já foram identificadas cerca de 150 espécies quarentenárias com ocorrência em pelo menos um país da América do Sul e que podem entrar no Brasil.

Nessa guerra, tem-se que vigiar tudo, como portos, aeroportos, hidrovias e intersecções de rodovias federais e estaduais, em nossas fronteiras ou no interior do território. E, ainda assim, pode haver brechas, pois a Ciência já mostrou que o acesso de pragas pode dar-se por via aérea, como que surfando pelas correntes de ar. As entradas da estriga-do-milho e da ferrugem-do-trigo foram exemplos desse tipo de transmissão.



Hoje, o Brasil reúne conhecimentos para avançar em cobertura eficiente, precisão e efetividade da vigilância sanitária; tem informação de qualidade sobre características das espécies, métodos de manejo, focos e meios de propagação. Talvez, esteja faltando uma pitada de antevisão, planejamento e mobilização de recursos.

Além disso, bem que se podia pensar em sistemas de controle emergencial, para conter eventuais invasões que rompam nossas defesas, como se faz nos manuais de estratégia militar para recompor linhas de defesa territorial – nada improvisado, tudo previsto e desenhado com atribuições e procedimentos.

Temos um exército oculto com disciplina de combate e capacidade de mobilização. São as cooperativas, associações e sindicatos de produtores, prefeituras e universidades. É uma força de reserva capacitada e interessada no assunto, e acho que ela não ia negar fogo para um trabalho integrado e articulado com a autoridade sanitária.

Depois da globalização, reduzir riscos sanitários é agenda estratégica para qualquer agronegócio realmente competitivo. O trabalho da vigilância sanitária brasileira, ao longo do tempo, fez história. Mas, hoje, talvez nem tudo esteja 100%, e não é hora de se dar sorte para o azar. ■

* Vice-presidente de Comunicação do Conselho Científico para Agricultura Sustentável (CCAS) e professor do Núcleo de Estudos do Agronegócio da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)